



## ANCESTRAL FLAME

marsgraphics

**Betagem por:** @soobinvaqueiro (Wattpad).

**Equipe:** @MarsGrapphics (Twitter).

**Escrita por:** @catiapine.

### Legendas:

■ **Rosa:** correção de erros gramaticais, bem como ortográficos, como pontos e vírgulas.

■ **Azul:** adição de palavras, expressões, orações, períodos, frases, parágrafos e/ou sinais gramaticais, como ponto e vírgula (tudo que for necessário).

■ **Verde:** reformulação de palavras, frases, orações, períodos e/ou parágrafos (trechos de um modo geral).

■ **Laranja:** exposição de palavras estrangeiras, de significado desconhecido, e/ou criadas pelo autor, com atribuição de *itálico*. Exemplo: Yeonjun sorriu ao modo *stranger*.

■ **Roxo:** atribuição de hífen às palavras que o necessitam. Exemplo: bem vindos = bem-vindos.

**Título do segundo capítulo:** *sem título*.

### CONTEÚDO:

— *Jovem mestre! Jovem mestre!*

*Gritos abafados, ecoando como uma sinfonia desafinada de elefantes barulhentos, arrancaram o criminoso de um doce sono profundo. Felix acordou com um sobressalto, ofegante e suado, como se algo estivesse esmagando seu peito com uma pressão absurda, enquanto sua pele ardia em febre.*

— *Onde...?* — *Seus olhos percorreram o ambiente pela primeira vez enquanto tentava regular a respiração.*

*O criminoso estava em um quarto nupcial luxuoso, cujas paredes pintadas de um vermelho sangue pulsavam com uma intensidade quase torturante, causando pontadas nos olhos do menor. Ele nunca tinha visto aquele lugar.*

Sentou-se na cama enorme onde repousava, deslizando a sua mão na manta de seda branca e confortável, com um toque tão macio quanto as nuvens, que cobria uma boa parte do seu corpo nu.

Ele forçava a mente ao máximo, tentando se lembrar de como havia chegado ali após a noite anterior, mas tudo o que encontrava era uma barreira, como uma parede que bloqueava qualquer memória além dos poucos minutos recentes, quando abriu os olhos.

Onde poderia estar? No norte do continente? Não, aquele lugar não se parecia em nada com algum lugar das terras do norte.

Mas como ele havia parado ali?

Seu corpo, pacientemente descoberto, reluzia à luz suave das velas perfumadas, que faziam seu nariz arder e coçar, expondo a pele dourada coberta por uma fina camada de suor e alguns hematomas vívidos e recentes.

O que tinha acontecido com ele? Foi um sequestro?

— Jovem mestre...?

As cortinas vermelhas do dossel balançavam suavemente com a brisa noturna que entrava pela janela, revelando, a cada movimento delicado dos tecidos, a silhueta de uma criatura pequena e franzina parada ao pé da cama, muito parecida a um humano de verdade.

Seus enormes olhos vermelhos estavam fixos no moreno ainda deitado, cheios de preocupação.

“Isso é um daimon?”, pensou o criminoso, puxando a sua coberta até o pescoço marcado, encarando-a totalmente desconfiado, especialmente ao perceber a marca do fogo gravada em sua testa, como se fosse um boi numerado.

— O senhor está se sentindo bem? — A voz da criatura parecia hesitante, seu rabo pontudo mantendo-se baixo e seu rosto ficando corado. — O senhor...

“Definitivamente, um daimon doméstico.” Felix engoliu em seco, arrastando-se para a outra extremidade da cama quando aquilo começou a se aproximar. “Mas onde está seu mestre? Se tem um daimon, tem um mestre.”

— Meu mestre te machucou muito? Trouxe uma pomada para cicatrizar a suuaaaa... — Ela apontou para as partes baixas do menor com um sorriso constrangido.

— A minha? — O criminoso tentou se levantar com um pulo antes mesmo dela terminar a sentença, mas rolando para o lado e caindo com a bunda no chão. — Ah, merda — choramingou com a mão na lombar. — Machucou...

Felix se enrolou na manta enquanto rolava com uma cara de choro e um beicinho, formando um casulo ao redor de si, queixando-se baixo como uma criança.

— O senhor parece envergonhado. Foi sua primeira vez fazendo, certo? — A daimon deu a volta na cama com um sorrisão, parando em frente ao moreno. — Quer um conselho

de demônio para um humano iniciante? Não se preocupe tanto com isso, vai acabar se acostumando logo, logo com a sensação.

“Eu... eu fiz...” Os olhos do criminoso se arregalaram e ele tentou criar um distanciamento seguro entre ambos, afastando-se para longe.

— Q-QUEM É VOCÊ?! — Felix gritou, a voz carregada de medo e constrangimento, enquanto apontava um dedo trêmulo para o daimon. — COMO VOCÊ... como ousa me... me...

A criatura lançou um olhar confuso na direção do maior. Ela possuía um par de hipnotizantes olhos cor de sangue, delicadamente amendoados, quase escondidos por uma franja espessa que contornava seu rosto, tão alvo quanto o marfim, e os seus lábios voluptuosos, pintados com um vermelho tão vibrante quanto o carmesim.

Felix nunca deu crédito à existência de fantasmas, mas, naquele exato momento, se viu *diante* do que parecia ser um.

— Eu...? — Ela inclinou a cabeça levemente para o lado com a sobrancelha franzida em confusão. — O que essa serve poderia fazer com... — *Suas orbes* se arregalaram de repente ao compreender o que ele *insinuava*, *por isso* começou a balançar a cabeça em negação. — Não! Não! O meu mestre apenas me pediu para verificar se o senhor havia despertado.

— E quem é o seu mestre?

— O Mestre Hwang.

“Hwang? Quem...?” O sangue de repente abandonou seu rosto enquanto piscava lentamente. “Hwang Hyunjin?!”

— E POR QUE AQUELE IDIOTA QUER SABER SE ESTOU ACORDADO?!

— Bem... — A criatura limpou a garganta, desviando os olhos vermelhos para o chão enquanto as bochechas ganhavam um pouco de cor. — Ele é o seu marido...

— MARIDO?! — Levantou-se.

Felix recuou de forma abrupta quando escutou tamanha blasfêmia contra a sua integridade. Suas costas colidiram contra a escrivaninha, causando a queda de alguns livros bem em cima dos dedos do seu pé esquerdo.

— AH! AAAH!

O criminoso soltou um urro e *passou* a pular com uma única perna enquanto segurava a cobertura contra o peito, resmungando xingamentos sem o menor sentido.

A palavra “marido” causava arrepios em sua espinha.

— Senhor... — Ela deu alguns passos cautelosos em sua direção, estendendo a mão. — Permita-me ajudá-lo-

Yongbok afastou a mão com um tapinha fraco e se enrolou na coberta, transformando-a em um vestido sem mangas e recuando alguns passos outra vez.

— Não estou achando nada engraçado nessa brincadeira, você me escutou? — esbravejou, sentindo a mesinha se inclinar para trás com o peso de seu corpo. — Quero ir embora! Agora!

— Jovem mestre... — chamou, a criatura, com uma voz hesitante. — Aconteceu alguma coisa? Meu mestre o...

Ouvindo aquelas malditas palavras irritantes novamente, Felix não conseguiu conter um sincero revirar de olhos e bufou impacientemente, agarrando a barra do seu vestido improvisado e saindo do quarto mancando.

O curioso era que... não se recordava de ter aberto a porta do quarto e saído, ele simplesmente piscou e estava do outro lado.

Aquele lugar só podia ser amaldiçoado.

Felix corria todo desengonçado pelos corredores escuros, contando apenas com a iluminação precária das lanternas nas paredes para não ir de encontro ao chão.

Nem sabia do que exatamente estava correndo.

Mas precisava sair daquele lugar.

Com os pulmões queimando, depois de correr pelo que pareceu ser uma hora interminável, avistou uma enorme porta de madeira, que estava entreaberta, no final do corredor. Dela vinha o murmurinho de uma conversa, pontuada por risadinhas femininas e uma voz masculina que lhe parecia estranhamente familiar.

Felix parou para ouvir antes de entrar.

— Hum, aquele homem parecia totalmente entregue para mim — comentou a voz, soltando cada palavrinha em meio a um suspiro longo, exalando satisfação. — Estou feliz por ter sido a primeira vez, ele parecia tão... vulnerável.

— Vulnerável? — outra pessoa perguntou, parecia uma voz de mulher, e estava um tanto extasiada com o relato.

— Sim. Bastava tocar em um lugar onde ninguém nunca tocou e seu corpo desmanchava-se em minhas mãos com os lábios... Céus, aqueles lábios, eles tremiam ao chamar meu nome enquanto seus olhos...

— Oho! Não consigo acreditar! Isso é como um conto de romance.

— Se nosso mestre continuar assim, teremos herdeiros de cabelo escuro e pele dourada correndo pelo castelo antes da primavera — disse outra mulher.

— Que absurdo! Isso nem sequer é possível. — Yongbok franziu o cenho ao escutar aquela voz se manifestar outra vez, soando brincalhona ao dar uma risada soprada.

O criminoso não teve tempo de refletir sobre tudo o que acabara de ouvir, nem sobre onde havia escutado aquela voz aveludada, com timbre suave, levemente impaciente. Não importava o quão estranho aquele povo era. Apenas uma palavra piscava em sua mente no momento: *Ajuda! Ajuda! Ajuda!*

Aquele poderia ser seu passe para escapar.

Felix reuniu toda a força que ainda tinha em seus braços e empurrou com tudo a porta pesada. No entanto, quando *essa* se abriu com um rangido estridente, acabou tropeçando na cobertura que usava como vestido e caindo miseravelmente no chão frio de mármore do que parecia ser o salão do trono ou a sala reservada para um rei.

O salão, antes aquecido pela animada prosa do grupo, foi tomado por uma quietude tão profunda que o criminoso quase podia escutar os próprios batimentos cardíacos e o som do seu estômago se revirando de constrangimento.

Meia dúzia de pares de olhos vermelhos como sangue o encaravam, completamente atônitos.

Ele nunca havia experimentado tamanha humilhação em sua vida.

— Merda! Merda! Merdaaa! — choramingou, apertando os olhos castanhos com força, como se isso pudesse, de alguma forma, proteger sua frágil dignidade, mesmo que o constrangimento já pesasse uma tonelada no ar.

Felix pressionou os lábios em uma linha dura, cobrindo o rosto com a mão, negando rapidamente com a cabeça.

Nunca tinha se sentido tão humilhado.

— Você finalmente acordou, Yongbok-ah! — O moreno sentiu o corpo inteiro de repente congelar.

Aquela voz... Aquela maldita voz aveludada...

Como ele não tinha percebido antes? O destino estava se deleitando cruelmente com sua desgraça.

Felix respirou profundamente, espiando cautelosamente por entre os dedos. Para a sua surpresa — talvez não tão surpreendente assim —, lá estava a pessoa que ele menos gostaria de *se deparar* naquela noite:

Hyunjin encontrava-se acomodado em um glorioso trono de ouro, esculpido à semelhança de um pássaro com asas elegantemente desdobradas, posicionado sobre uma base de pedra com quatro degraus, marcada por rachaduras de onde *borbulhava* magma.

E aos pés do trono, algumas mulheres estavam sentadas; talvez fossem servas ou apenas membros da corte. Felix não sabia e nem fazia questão de saber. A verdade *era* que eram tão assustadoras quanto a que encontrara antes, no quarto.

O moreno estava um pouco bagunçado, como se tivesse acabado de acordar, seu rosto inchado apoiado no punho enquanto observava o menor despreocupadamente.

Felix, por outro lado, engoliu em seco e deu um passo para trás com as pernas trêmulas, os seus olhos descendo para o peitoral exposto do homem à sua frente.

Ele vestia apenas um confortável robe vermelho, feito da mais pura seda, e uma calça, também de seda, levemente folgada. A parte de cima estava meio aberta, revelando a derme branca do seu peito marcado por linhas vermelhas que pareciam ter sido desenhadas sob a pele, como uma pintura, cujo o criminoso não conseguia identificar com exatidão do que se tratava.

Hyunjin possuía uma beleza que rivalizava diretamente com o primeiro amanhecer de um verão quente.

— Esposa...? — Aquele tom doce em sua voz... Céus.

Felix quase colocou o estômago para fora ao imaginar.

— QUEM AQUI É A PORRA DA SUA ESPOSA, SEU MALUCO?! — explodiu. — EU PREFIRO COMER VIDRO! SEU TARADO!

Hyunjin, que inicialmente parecia hesitante e aborrecido, agora observava com as sobrancelhas franzidas o homem que, supostamente, o pertencia, negando-o raivosamente enquanto estava caído de forma humilhante no chão frio.

Algo não parecia certo. O moreno se levantou.

— Você... não é a minha esposa — disse, friamente, descendo um dos degraus com os pés descalços.

As servas, as quais, até então, somente observavam em silêncio, sentadas ao lado do trono dourado, viraram a cabeça de forma abrupta ao escutar as palavras de seu mestre. Seus olhos, ardendo em um vermelho sangue sob o véu negro, fixaram-se no ladrão com uma raiva pulsante.

— Intruso! — A voz de uma das servas reverberou pelas paredes sem que precisasse usar a boca, soando como um sussurro profundo e rasgado que, por algum motivo, causava um desconforto absurdo nos ouvidos do menor.

Felix cobriu suas orelhas e tentou se distanciar, mas elas começaram a caminhar em sincronia na sua direção, com as cabeças sutilmente inclinadas para o lado, enquanto mostravam um sorriso perturbador em suas faces pálidas, ocultas atrás de um véu.

— Diga o seu nome! Você não é o nosso mestre! Diga o seu nome! — exclamaram em uníssono, dando um passo de cada vez. — Diga o seu nome agora!

A exigência se transformou em um grito fantasmagórico que preenchia o ambiente com um terror quase tangível. Os olhos do ladrão se arregalaram, dobrando de tamanho diante do medo puro que dominava seu peito. Seu rosto empalideceu até se tornar tão branco

quanto a coberta que ele usava como vestido, enquanto gotas de suor frio escorriam por sua testa.

— É YONGBOK! Meu nome é Yongbok...

— MENTIROSO! — as servas rosaram, suas presas afiadas pingando saliva ácida no chão com um chiado assustador. Seus lumes ardiem em um tom de vermelho intenso. — INTRUSO! MATAR O INTRUSO!

As mulheres avançaram, passo após passo, semelhantes à mortas-vivas desordenadas, com os braços estendidos e as unhas afiadas apontadas para o criminoso.

Queria fugir daquele antro de doidos, contudo, seu corpo não o obedecia. E por mais que tentasse, era inútil; suas pernas estavam trêmulas e fracas.

— Não... — Felix implorou, a voz embargada e falha, enquanto tentava desesperadamente recuar, empurrando o corpo para trás com as mãos e os pés. — ME DEIXEM EM PAZ!

A mulher mais próxima avançou sobre ele com bastante violência, e, com uma investida certa, abriu um corte no abdômen do menor. Um berro assombroso escapou da boca dele, enquanto o sangue jorrava da ferida profunda, tingindo o mármore branco de um vermelho carmesim.

Felix tocou o corte com os dedos trêmulos, o seu rosto se contorcendo em agonia. Lutava para conter o choro, pois não queria dar esse gostinho de presente ao moreno, mas a cada respirada sôfrega que dava, a dor insuportável irradiava ainda mais por seu corpo.

Precisava fazer alguma coisa...

— Matar! Matar!

Aquelas coisas avançaram com a ferocidade de animais selvagens, enlouquecidos ao sentir o doce e suave aroma do sangue ainda quente acariciando as suas narinas. Suas garras afiadas dilaceraram a barriga do ladrão, que lutava em vão contra o ataque brutal, tentando empurrá-las.

Banharam-se na essência vital do menor com um prazer perverso, enquanto os seus clamores estridentes ecoavam pelos corredores do castelo. Suas últimas súplicas, antes cheias de desespero, foram aos poucos se extinguindo, até se perderem de vez na imensidão do silêncio.

Naquele momento, o criminoso apenas engasgava-se miseravelmente no próprio sangue, incapaz de fazer mais do que esperar o fim inevitável.

Felix ainda estava consciente quando arrancaram os seus órgãos e os espalharam pelo chão de mármore, enquanto riam histericamente.

E a última visão que teve, através de seus olhos pesados e embaçados, foi o rosto branco do seu suposto marido.

*Hyunjin o encarou com desprezo, antes de cravar a mão em seu peito e puxar o coração vermelho ainda pulsante, fazendo o sangue quente escorrer pelos dedos pálidos enquanto levava o órgão até a boca.*

✦ ❧❧❧ ✦

Felix despertou com os olhos arregalados e seu coração batendo freneticamente no peito, como um tambor em ritmo acelerado, enquanto lutava para recuperar o ar com uma mão sobre a caixa torácica e outra no pescoço, sentindo o suor frio em seus dedos trêmulos.

Franziu o cenho em confusão quando percebeu que o céu parecia se mover ao passo que seu corpo balançava em um ritmo calmo e familiar, fazendo seu estômago embrulhar.

Só assim, entendeu: não era o céu que se movia, era ele.

Levantou-se com certa dificuldade do lugar aconchegante onde tinha acordado, sentindo o corpo um pouco pesado e dolorido em algumas partes, como se ele tivesse levado uma surra de varas de bambu.

Piscou os olhos castanhos algumas vezes, ajustando-se à luz intensa, e varreu as redondezas, ainda sentindo a boca seca, examinando o ambiente desconhecido pela primeira vez.

Estava montado no enorme furão branco e mais à frente, sentado com os ombros retos, encontrava-se novamente o ser humano que menos gostaria de ver no momento:

O Grão-Mestre, Hyunjin.

O moreno segurava firmemente rédeas de couro presas à cabeça do animal, guiando-o de maneira despreocupada.

— Você finalmente acordou.

Aquelas três palavras foram o suficiente para congelar o corpo do criminoso por completo, fazendo o seu coração perder o ritmo das batidas e o sangue escoar do rosto.

O menor foi atingido por uma enxurrada de memórias que piscavam em sua mente como um turbilhão, perfurando seu cérebro com visões de seu corpo aberto em um chão de mármore, engasgando-se com o próprio sangue.

Todo aquele negócio de casamento e mulheres assassinas com unhas pontudas... não tinha sido nada além de um pesadelo absurdo, certo?

Talvez ele fosse apenas um moribundo azarado com uma imaginação bastante macabra.

“Vou começar a escrever contos de terror...”

Felix tocou sua testa com a pontinha dos dedos, prestes a fechar os olhos e começar a choramingar, quando notou uma corda circulando todo seu tronco quatro vezes.

Os olhos do ladrão se arregalaram.

— O que é isso...? — Encarou a corda com um olhar assassino, seus olhos tornando-se obscuros enquanto tentava desfazer o nó desesperadamente. A sua boca retorcida em uma expressão de desgosto. — Hwang Hyunjin... — chamou pelo nome sem medo. — QUE PORRA É ESSA? — rosnou, entredentes. — SEU... SEU LUNÁTICO! DESGRAÇADO! MALUCO! M-ME SOLTE AGORA MESMO!

Os ombros do Grão-Mestre de Hwanghae tremeram com uma deliciosa risada calorosa.

— Você está vendo algum palhaço aqui? Por que fez isso comigo? — Tentou puxar o nó mais uma vez.

— Bom... — O moreno lançou um olhar desdenhoso ao menor com um toque de divertimento. — Realmente não se lembra do que aconteceu ontem?

Tentou buscar no fundo de sua mente, mas não achou nada sobre a noite anterior, então apenas negou.

— Eu te conto — disse o mais velho, continuando com a fofoca. — Ontem, no meio da madrugada, você acordou se debatendo, gritando que eu tinha comido seu coração. — Voltou a encarar a estrada à frente. — Provavelmente, você teve um sonho erótico comigo.

— Eu... O QUÊ?! — Felix apontou um dedo acusatório. — Pare de inventar coisas!

— Eu não sou um mentiroso... — Hyunjin fingiu estar profundamente ofendido. — Você ainda tropeçou e rolou por um barranco. — Inclinou a cabeça para o lado, como se estivesse tentando se lembrar de mais algum detalhe vergonhoso. — Quando tentei te ajudar a levantar, você começou a me empurrar e a dizer para eu arrumar outra esposa, porque você ainda não havia enlouquecido.

A boca do desafortunado criminoso se abriu e fechou, então, voltou a se abrir mais uma vez, mas nenhum som escapou.

O seu olhar constrangido permanecia fixo na corda e nas roupas meladas de lama seca, com folhas grudadas.

Aquela história explicava muita coisa.

Felix engoliu em seco, encarando as próprias mãos com a cabeça baixa, desejando encontrar um buraco onde pudesse esconder o rosto e nunca mais sair dali.

— Falta muito para chegarmos a Gangwon? — Queria acabar com aquilo de uma vez.

— A cidade comercial mais próxima está a quatro horas, talvez duas se pudéssemos ir um pouco mais depressa — respondeu, rodando os ombros para trás em desconforto. — Mas alguém aqui tem o estômago nervoso.

— Eu não tenho o-

— Demônios devoradores de sonhos procuram por essas cidades para se misturarem com humanos em festas que duram semanas ou meses. — Hyunjin, soando totalmente

desinteressado, cortou o menor, acelerando um pouco o caminhar do furão. — É dessa forma que encontram suas vítimas.

— Eu não ando me enfiando em puteiros, se é isso que está tentando insinuar, seu sem vergonha. — *Ele andava, sim.* — Eu tenho um adolescente para cuidar em casa.

Hyunjin soltou uma risada soprada.

— Descanse um pouco. Chegaremos em breve.

Felix estava realmente exausto e, por isso, não contestou nem tentou rebater, apesar de fazer tudo ao contrário do que o moreno mandava — ou simplesmente não fazer — como um passatempo. Assim, apenas deitou a cabeça na pelagem macia do furão branquinho e fechou os olhos.

Antes de adormecer, recordou-se daquele sonho estranho.

✧ ꞤꞤꞤ ✧

Jinhong era uma pequena província no norte, conhecida por sua sofisticada produção de tecidos de qualidade e pelo inconfundível aroma adocicado que perfumava suas ruas.

Além disso, aquele era um importante ponto turístico na rota do comércio que atravessava o continente de norte a sul, impulsionando a economia não apenas com a venda de tecidos e perfumes, mas também com o turismo sexual, o qual atraía membros da elite em busca de experiências exclusivas e um tanto *peculiares*.

Felix encarava as costas do venerado mestre, de uma das famílias mais respeitadas que pisou no mundo, com uma das sobranceiras arqueadas, tentando compreender o que levou uma pessoa como ele a escolher aquela cidade para passar a noite. Não imaginava um lugar conhecido como Poço dos Pecados tendo pousadas apropriadas para isso.

Um mestre realmente frequentava aquele tipo de lugar? Não queria nem imaginar o que fazia quando ninguém estava olhando.

— Chegamos.

Felix piscou lentamente, parando de andar e desviando o olhar para a luxuosa mansão à sua frente.

Lanternas douradas dançavam suavemente na entrada do estabelecimento, iluminando uma enorme placa feita de madeira, onde era possível ler, em caligrafia impecável: *Caminho das Flores*.

— Você nos trouxe a um... um... — O sangue escoou de seu rosto.

Antes que pudesse terminar de falar, Hwang empurrou levemente seu ombro, indicando que deveria começar a andar e deixar de agir como um tolo. No entanto, quando estavam prestes a entrar, dois seguranças mascarados, armados com espadas, bloquearam seu caminho.

O segurança que **usava** uma máscara de raposa desembainhou a sua espada, revelando uma longa lâmina afiada. Os olhos amarelos brilhavam por trás da máscara, fixos no rosto do criminoso, observando-o com raiva.

— Não — disse.

Imaginando exatamente do que se tratava, o maior rolou suas íris castanhas, desviando o olhar para o outro com a sobrancelha arqueada; Yongbok, no entanto, apenas deu de ombros, parecendo tão confuso quanto ele.

— Hum? — Apontou para o peito com um beicinho. — Eu nunca nem estive nesse lugar.

Hyunjin olhou para o céu e umedeceu o lábio inferior antes de voltar sua atenção para o homem-raposa diante deles.

— Espere aqui — ordenou o segurança mascarado.

Ele entrou resmungando para dentro do estabelecimento, retornando um tempinho depois na companhia de uma encantadora mulher de cabelos ondulados.

— Mestre! — Ela mostrou um delicado sorriso quadrado para o maior e, em seguida, abriu os braços, pronta para dar um abraço repleto de saudades. — Quando disseram que estava em meu estabelecimento, quase caí para trás.

— Hari — Hyunjin a cumprimentou.

— Por onde andou todo esse tempo?! Sinto como se não o visse há séculos desde que a...

— Gostaríamos de passar uma noite — cortou, o mestre. Ele tinha esse péssimo costume. — Por que estou sendo barrado?

Hari cruzou os braços e revirou seus olhos delineados, parecendo chateada.

— Sempre caloroso com os velhos amigos.

— Você tem quartos disponíveis ou não? Não tenho todo o tempo do mundo.

— Ora, claro que tenho quartos — começou ela, **porém**, ao finalmente direcionar seu olhar para a pequena criaturinha, parada ao lado do maior, seus olhos desceram até a corda amarrada na cintura dele e pareceu compreender tudo. — Ah, então era isso... — Estalou a língua no céu da boca. — Você trouxe um namorado?

Ela se inclinou levemente para frente, com as duas mãos repousando na cintura, encarando o ladrão com o queixo erguido e os olhos vermelhos de desprezo.

— Você pode entrar e ficar quantas noites quiser, mestre — disse. — Mas essa sua criatura... bom, temo que terá que ficar amarrada no estábulo com os outros animais. — Hari levantou o olhar, dessa vez **focando-se em Hyunjin**, com um sorriso. — Eu já teria me livrado dele de uma vez.

— Ah, você não disse isso...

Felix arqueou a sobrancelha e empurrou o moreno para o lado, avançando sem um pingo de medo e apontando um dedo acusador para ela.

— REPITA O QUE DISSE, SUA BRUXA! — gritou como um louco, chamando a atenção de todo mundo que passava. — EU VOU ACABAR COM ESSA SUA...

Hyunjin rapidamente cobriu a boca dele com uma mão e o puxou, tentando mantê-lo sob controle enquanto ele se debatia, os olhos escuros girando de indignação por não poder despejar sua coleção de palavrões contra a mulher.

— Não vim para causar problemas ou incomodá-la... — declarou, com a voz neutra. — **Todavia**, como percebi que não há quartos para o meu companheiro de viagem aqui, é melhor buscarmos outro lugar para passar a noite. — Obrigou Felix a curvar-se em um pedido de perdão e, então, despediu-se: — Tenham uma boa noite.

Hari mordeu a parte interna da bochecha e observou seu amado mestre se afastar com o outro rapaz, sentindo-se profundamente culpada por toda aquela cena. Ela, **portanto**, rapidamente deu um passo à frente e o chamou antes que dobrasse a esquina, fazendo-o olhar por cima do ombro.

— Você pode ficar... — Corou levemente, dividindo seu olhar entre o mestre e o criminoso, antes de apontar o dedo acusador para este último. — Acontece que... ele me roubou três vezes consecutivas no ano passado!

Hyunjin fechou os olhos, pressionando o espaço entre **estes** e soltando o ar lentamente. Em seguida, **lançou** um olhar irritado na direção do menor.

— Disse que nunca estive aqui.

O humilde assaltante, por sua vez, apenas deu de ombros novamente e sorriu amarelo.

— Vocês podem ficar, mas... — Hari apontou para Felix com desgosto. — Fique de olho nesse seu *companheiro de viagem*.

Algum tempo depois, caminhavam por um salão circular que lembrava um anfiteatro tradicional. No entanto, em vez de uma arquibancada, o espaço contava com mesas dispostas em níveis diferentes. As mesas mais altas, que ofereciam uma vista privilegiada das apresentações que costumavam acontecer, eram também as mais caras.

No centro, um palco de madeira se erguia, cercado por um laguinho de águas cristalinas onde carpas vermelhas nadavam tranquilamente, alheias ao movimento ao redor.

Era naquele lugar que os clientes da mansão saboreavam as refeições mais memoráveis de suas vidas, enquanto assistiam a um espetáculo cativante que nunca se repetia, sendo totalmente exclusivo.

A dona do estabelecimento conduziu o mestre e o pobre ladrão até a parte superior do anfiteatro, acomodando-os na melhor mesa disponível na mansão. E com um sorriso discreto nos lábios, perguntou:

— O que gostariam de pedir?

Hyunjin depositou duas moedas de prata polidas sobre a mesa, mantendo o olhar fixo no homem sentado na outra extremidade, as roupas ainda estavam meladas e seu rosto carrancudo encardido.

— Seus dois melhores quartos, por favor. Também seria bom alguns baldes de água morna — disse o mestre. — Onde posso conseguir roupas novas? Tamanho quarenta.

Quando a resposta da mulher foi apenas uma risadinha, o maior desviou o olhar das roupas imundas do criminoso para ela, apenas para vê-la mordendo uma moeda feliz e realizada, balançando a bunda de um lado para o outro, completamente radiante.

— Kumiho! — chamou Hyunjin, impaciente, assustando a garota a ponto de quase fazê-la deixar cair sua preciosa moeda no chão. — E as roupas?

“Espera, que diabos...?” Felix tombou a cabeça com um beicinho, unindo as sobrancelhas. “Kumiho?”

Ela revirou os olhos avermelhados e guardou as moedas dentro de uma pequena bolsa de seda, murmurando algo sobre a impaciência dos homens.

— Eu vou conseguir tudo que você pediu, apenas tenha um pouco de paciência — Hari informou.

E quando ela finalmente se afastou, saltitante como um servo, um sorriso radiante enfeitava seu rosto, deixando apenas os dois homens sozinhos naquela mesa.

Felix rapidamente se inclinou para frente.

— Ei! — chamou, diminuindo o tom. — Você acabou de chamar aquela maluca de Kumiho...? — perguntou, claramente animado. — A raposa de nove caudas?! Essa Kumiho?

— Hum — confirmou.

— Ouvi dizer que o Deus do Fogo a matou, como ainda pode estar entre nós?

— Não acredite em tudo que ouve por aí.

— Raposas não são obcecadas por ouro?

O assaltante recostou-se na cadeira novamente, soltando uma risada soprada.

— Ah... — Coçou o queixo e desviou o olhar para o estabelecimento com um sorriso malicioso dançando no canto dos lábios. — Se eu soubesse disso antes, poderia ter procurado algo mais interessante para pegar na última vez.

Enquanto o mestre revirava os olhos escuros com uma impaciência evidente, duas mulheres mascaradas se aproximaram deles, cada uma delas portando cardápios dourados, que foram prontamente entregues para ambos.

— Eu não estou com... — começou o mestre.

— Ah, mas eu estou, sim — Felix interrompeu Hyunjin, tomando um dos cardápios das suas mãos. — Estou morrendo de fome.

O mais novo deslizou a ponta dos dedos pelo cardápio, e os seus olhos, de repente, se arregalaram, incrédulos. Em um impulso, ele largou o papel sobre a mesa, como se estivesse queimando.

Lee SeungHoon

Demônio (Nível II)

Dotado (23 cm)

27 anos

Shin YeJun

Demônio (Nível I)

Mediano (16 cm)

24 anos

Park JunSeo

Demônio (Nível I)

Comum (13cm)

38 anos

Ele quase tombou da cadeira como um completo tonto, arrancando uma risadinha contagiante do mestre, que, sentado calmamente do outro lado da mesa, o observava com um olhar repleto de desdém, ao mesmo tempo que brincava com o adorno de uma de suas tranças, sem perder a pose.

— Hum, eu realmente não imaginava que alguém como você pudesse ter esse tipo de interesse — provocou. — Como vou dormir ao seu lado agora que estou ciente disso? Terei que proteger minhas costas.

Felix lançou um olhar cortante ao moreno.

— E quem disse que eu te convidei para dormir comigo? — questionou. — E mesmo que eu tivesse esse tipo de interesse horrendo, você definitivamente não seria nem mesmo a última das minhas escolhas. — Avaliou o outro de cima a baixo com um olhar crítico. — Os idiotas não fazem meu estilo, seu pervertido.

Hyunjin não se mostrou nem um pouco ofendido com sua declaração, pelo contrário, parecia ainda mais confiante.

— Estou apenas me preservando. Não quero ser atacado.

— Não conte com isso. — Revirou os olhos.

— Não mesmo?

Felix cerrou as pálpebras.

— Olha, na minha humilde perspectiva, parece que você está quase implorando para isso acontecer.

— Não conte com isso.

— Não mesmo?

Hyunjin arqueou as sobrancelhas, descrente.

— Você está implorando?!

— Além disso — Felix desconversou —, foi você quem me trouxe para esse buraco, sinal que já é cliente. Quem tem medo de cagar, não come.

— Caramba, você acabou mesmo de dizer isso?

O menor se inclinou para frente com um sorriso, batendo o dedo na mesa no mesmo ritmo que falava:

— Sim. Eu. Disse.

Havia um sorriso convencido dançando no cantinho dos lábios carnudos do mais velho, enquanto chamava uma outra menina mascarada e trocava o menu dourado por um prateado, entregando-o para o ladrão em seguida.

— Fique à vontade para pedir o que quiser.

Felix fez o Grão-Mestre se arrepender instantaneamente de suas palavras imprudentes. Diante dos seus olhos, a pequena criaturinha devorou um enorme prato de arroz, legumes e salteado de porco caramelizado, completando o banquete com um pedaço de torta de framboesa como sobremesa, o qual ele repetiu duas vezes.

Até mesmo o furão de estimação, agora na forma menor e escondido em meio a suas roupas, ficou assustado com a voracidade do ladrão ao devorar a comida, observando a cena de queixinho caído.

✧ ◊◊◊ ◊

Felix desfrutou de um banho morno revigorante em uma sofisticada banheira de mármore, e com a assistência de dois servos — cortesia da dona do lugar —, o seu cabelo ondulado foi devidamente lavado, cortado na altura do pescoço e cuidadosamente escovado com um pente. Ele também recebeu um grampo para as madeixas que parecia ser de vidro, mas logo descobriu que se tratava de cristal e quase teve um ataque do coração ali mesmo.

O objeto era muito bonito e valioso.

Tinha uma aparência simples apesar de seu valor, mas a ponta superior imitava perfeitamente uma borboleta e o corpo possuía escrituras estranhas, as quais não estava muito familiarizado, no entanto, ficou perfeito em seu cabelo, além de ser um presente, então resolveu usar.

Afinal, não costumava receber muitos presentes.

As suas roupas antigas foram simplesmente descartadas na lareira do quarto e substituídas por um novo conjunto preto. Embora as peças que trajava naquele instante parecessem mais simples, era evidente que custavam mil vezes mais do que as anteriores e caíam muito melhor em seu corpo.

Claro que isso fez o ladrão se questionar como o outro homem sabia seu tamanho apenas olhando e, por um momento, pensou que se tratava de outra brincadeira boba. No entanto, logo em seguida, recordou-se do Hyunjin presente no pesadelo — aquele que o observava com um mar de devoção em seus olhos — e sentiu um calafrio percorrer a espinha.

— Nem fodendo...

Yongbok recuou alguns passos em frente ao espelho e se encarou com as bochechas coradas.

Talvez devesse contar ao maior sobre aquele pesadelo, se realmente fosse um demônio devorador de almas... bom, estava pegando um pouquinho pesado. Entretanto, quem sabe o moreno pudesse resolver seu problema.

Tinha que pelo menos tentar.

— Pelos deuses, aquele babaca vai rir da minha cara até não poder mais... — murmurou para o próprio reflexo no espelho, soltando um suspiro derrotado. — Mas vamos lá...

Felix abriu a porta deslizante do seu quarto e atravessou o corredor com pressa, caminhando ansioso em direção aos aposentos do mestre. Seus passos eram silenciosos, pois, por algum motivo, ele não queria chamar a atenção dele. Temia que o outro homem estivesse dormindo.

— Diga-me, pretende passar o resto da sua eternidade no mundo humano? Brincando de professor e aluno?

Interrompeu os passos em frente a sua porta ao escutar o tom ácido da dona do estabelecimento vindo de lá.

“Estão conversando ou discutindo...?”, mordeu o lábio inferior, afastando-se da porta, mas logo dando um passo à frente, preso em um conflito interno.

Não deveria bisbilhotar, porém...

— Se você está tão incomodada, então colabore e fale de uma vez por todas onde ela está! — exclamou. — Assim poderei retornar para casa com meu nome limpo.

Felix se aproximou silenciosamente a fim de ouvir melhor.

— Como eu saberia onde essa coisa está?! Eu pensei que o seu senhor guardava os brinquedos com mais cuidado. Como vocês perderam?

— Ah, antes tivéssemos apenas perdido, seria mais fácil encontrar.

— Então...?

— A Chama Ancestral foi roubada! Pelos meus cálculos, aconteceu exatamente há quinze anos. Eu me lembro de ter acontecido uma queda de magia nesse dia.

— Quinze anos? Não foi quando ele...

— Foi — Hyunjin confirmou, parecendo meio exausto.

— E como ninguém percebeu isso?! Caramba, vocês no céu são uns incompetentes, mudem essa administração.

“Chama Ancestral? Vocês no céu? Ele?” Felix se afastou um pouco da porta, a sobancelha franzida em confusão. “Ele quem?”

— Aliás... — Hari voltou a falar depois de um tempinho em silêncio, soando preocupada.

— Aquele ladrão...

Aproximou-se da porta deslizante novamente, ouvindo o Grão-Mestre suspirar pesado.

— Por mais absurdo que pareça, Yongbok é a única pista que encontrei sobre a Chama Ancestral em meses. Acho que uma entidade maligna se enfiou em seus sonhos, e o enviou para acusar meu clã pelo roubo.

— Parece uma ameaça...

— Está mais para recado.

— E como sabe que esse ladrãozinho não está mentindo? Um ladrão mandando outro ladrão para sua porta...

— Eu não sei, apenas. Mas preciso dele para descobrir quem mandou o recado.

— Achando o remetente, automaticamente também acha o verdadeiro ladrão... — Hari concluiu. — Mas... e se os três estiverem trabalhando juntos? A anomalia pode estar mentindo e, até onde sei, ele que tem as mãos leves.

— Você está apenas implicando outra vez, Hari.

— Continue defendendo aquele humano... — disse ela, sua risada grotesca ecoando pelas paredes. — Quartos de luxo, roupas caríssimas e pedras preciosas. Você só pode estar ficando maluco. Aquela anomalia vai levar embora tudo que é seu sem pensar duas vezes. Nós não podemos confiar em humanos!

— Você continua usando o que aconteceu no passado...

— Sim, enquanto você continua defendendo humanos!

Felix não queria mais ouvir aquela conversa absurda. Ele sempre soube da existência de um abismo intransponível entre pessoas insignificantes como ele e indivíduos como aquele honrado mestre de uma família respeitada. Não que tivesse qualquer vínculo genuíno com o homem para se importar com as suas palavras grosseiras; ainda assim, havia um gosto estranho em sua boca ao lembrar que sequer era reconhecido como um ser pensante por essas pessoas.

Era como se nunca fosse bem-vindo.

— Não estou defendendo ele. Quando tudo isso acabar, com certeza seguiremos por caminhos diferentes; não é como se eu realmente me importasse com um cachorro vira-lata do norte — **proferiu** o mestre. — E quanto aos... presentes, foram necessários. Ele estava fedendo, e não gosto de andar por aí com gente desleixada.

Sem querer testemunhar mais uma sessão de humilhação gratuita direcionada a si, afastou-se dos aposentos do homem com os lábios apertados em uma linha fina.

Decidiu voltar para o próprio quarto, **contudo**, no caminho, ouviu aplausos e risadas vindas do andar inferior da mansão e parou imediatamente, levantando as sobrancelhas enquanto olhava para a escadaria no início do corredor, totalmente tentado a dar uma espiada no que estava acontecendo.

“Será uma festa?”, deu dois passos em direção a escada, mas parou, **escutando** o coração acelerado como um tambor, e desviou o olhar para a porta do mestre.

— Todos em seus lugares! — **alguém exclamou** no andar inferior e **o rapaz retornou** a olhar para a escadaria. — A história vai começar!

— Tudo bem, o babaca nem vai perceber que eu saí...

Rolou os olhos e deixou a música contagiante o conduzir até o primeiro andar, onde o palco circular do anfiteatro atraía a atenção de todos os clientes noturnos. Segurou o corrimão e, totalmente incrédulo, do topo da escadaria, observou enquanto alguns atores mascarados, encenando uma peça para os clientes do estabelecimento, repleta de cantoria e dança explícita, faziam o show acontecer.

O protagonista do conto era um tordo dourado que, após ser astutamente enganado por um lobo cinzento, deixou o seu ninho no alto de uma árvore e acabou encontrando seu melancólico fim ao ser devorado.

Eles estavam interpretando uma antiga fábula nortenha. Ele mesmo cansou de ouvir aquele conto quando era apenas uma criança e ainda não tinha sido expulso de casa pela própria mãe. Era uma história sobre como não deveriam confiar em estranhos — e na humilde opinião do ladrão, nem em conhecidos.

Mas o problema não era esse.

Felix nunca teve oportunidade de assistir a uma peça de teatro como essa no passado, especialmente enquanto ele ainda vivia nas ruas e era escorraçado de qualquer canto

que ousasse entrar. No entanto, tinha consciência de que, quando o personagem principal **era** devorado, apenas fingia estar morto, ele não... bem, ele não **era** fodido na frente de todos sem pudor algum pelo vilão da história.

Risadas escandalosas chegaram aos ouvidos do menor **a** ponto de não saber diferenciar os próprios pensamentos em meio àquela cena explícita. Aquele com a máscara de lobo segurava com firmeza a curva delicada da bunda do tordo em suas mãos enormes e calejadas, seus dedos se afundando na carne macia enquanto guiava aquele corpo suado para frente e para trás, subindo e descendo, o óleo corporal dourado escorrendo por entre os dedos.

Felix engoliu em seco, a cor desaparecendo do seu rosto.

Ele não queria, mas sentiu o seu coração pular enquanto assistia, completamente hipnotizado pelos movimentos e clamores manhosos do homem que interpretava o tordo, os seus olhos avermelhados rolando por trás da máscara, enquanto o peito exposto subia e descia, o seu suor se misturando com o líquido cintilante que o cobria inteiro.

Até o sorrisinho sacana que ele esboçou ao perceber sua presença fez com que o menor sentisse o peso do mundo desabando sobre seu peito e um incômodo se formou em meio **a** suas pernas, deixando-o atordoado.

“Eu estou... por outro HOMEM?!”, Yongbok engasgou, dando um passo para trás. “O que aquele maluco pensou quando nos trouxe a um antro de demônios?! Maldito!”

Ele subiu alguns degraus, apressado e nervoso, dando as costas para aquela... baixaria no andar de baixo. Estava quase saindo correndo de volta para seu quarto quando, antes mesmo dos atores chegarem **a** finalizar, a porta de entrada do estabelecimento foi abruptamente aberta por um homem de estatura mediana, usando roupas sujas e com o rosto pálido todo machucado.

Ele provavelmente tinha levado uma surra.

— Preciso de ajuda... Alguém... P-por favor, me ajudem a encontrá-lo... — O homem recém-chegado, vestido de preto e couro, cambaleou dramaticamente até o centro da multidão, apoiando-se em uma senhora robusta. — Meu amigo foi capturado — disse, pressionando a mão contra o peito. — Os soldados do castelo o levaram...

O ator, que usava máscara de lobo, retirou o demônio de suas pernas com uma facilidade impressionante, quase como se ele fosse feito de penas, e levantou-se, descendo do palco redondo com passos pesados. Apontou um dedo acusador para o estranho, que tremeu um pouco, afinal, a diferença de tamanhos deixava mais do que claro quem ganharia em uma briga.

— O que você está fazendo aqui de novo? — vociferou, rosnando por entredentes ao não receber resposta. — Se veio começar outra vez com as suas mentiras de merda, apenas saia daqui. Não temos tempo para esse caralho, a lua está cheia no topo do céu.

— Estou falando a verdade!

O ator soltou uma risada soprada.

— Essa história deve ser tão verdadeira quanto aquela da Chama Ancestral que você tentou vender para a madame mês passado. — Cruzou os braços sobre o peito largo.

— Eu não sou nenhum mentiroso, Mingyu! A chama era real, eu mesmo vi — o intruso retrucou. — Acha que eu sou mesmo um mentiroso? Eu nunca menti pra ninguém aqui... — Apontou para cada rosto na plateia. — Digam para esse maldito demônio! Digam que sou honesto!

O estabelecimento mergulhou em um silêncio totalmente constrangedor quando o homem se calou e os clientes se entreolharam antes de caírem na gargalhada em uníssono.

— Você é realmente engraçado — disse uma mulher, em um vestido azul turquesa. — Há alguns dias, me vendeu uma máscara para o rosto, prometendo que acabaria com minhas rugas se eu esfregasse no rosto. — Ela apontou o dedo indicador para o rosto todo machucado e coberto por uma pomada. — Pareço mais jovem agora? Pareço?

O homem estalou sua língua no céu da boca e com uma elegância surpreendente, que só uma pessoa experiente o suficiente em atendimento ao cliente poderia ter, desviou habilmente do problema com um simples:

— Talvez tenha sido uma reação alérgica. Vou entrar em contato com o meu fornecedor e te informar se houver alguma novidade. — Abriu um sorrisinho amarelo e voltou sua atenção para o ator. — Mas não podemos nos basear em casos isolados, sim? A Chama continua sendo totalmente confiável.

Felix rolou os olhos e riu, escorando-se no corrimão para assistir um pouco mais.

— Confiável? — O ator arqueou a sobrancelha e lançou um olhar desdenhoso para os outros clientes. — E onde está essa Chama agora?! Por que não usa para salvar seu amiguinho?

— Mostre-nos, *cachorro* — bufou o outro ator, apoiando o peso do corpo nos braços e revirando os olhos.

Ponto para o time dos atores!

Aquele contragolpe foi mais que certo nos argumentos do desconhecido, e a confusão poderia muito bem ter se encerrado ali, com o ator saindo como vencedor. Porém, o estranho não se intimidou nem um pouco. Muito pelo contrário, permaneceu firme, sustentando sua falcatrua até o fim, com um sorriso estampado no rosto ferido.

Então, subiu em uma das mesas do teatro, assumindo a postura de um político em campanha.

— Escutem! — bradou heroicamente. — Acham mesmo que um homem como eu está gostando de passar por toda essa humilhação para sustentar uma mentira? O que digo é a mais *puuura* verdade, pelos quatro deuses. — Levantou as mãos, mostrando que não cruzava os dedos. — Levaram meu parceiro de vendas!

O homem exclamou, enfiando os dedos nos fios escuros e desgrenhados, enquanto olhava para o público, **as orbes** enchendo-se d'água.

— Apenas quero encontrar meu melhor amigo! Ele 'tava guardando a Chama numa caixa, estávamos indo para o sul para vendê-la para a família Yang. Acredito que essa seja a razão por trás do sequestro. Me sinto culpado...

“A Chama...” Felix desceu um degrau.

Os clientes da mansão começaram a se entreolhar com as expressões cheias de incerteza e desconfiança, enquanto um murmurinho baixo espalhava-se pelo teatro. Alguns pareciam inclinados a ajudar agora que sabiam o que ele daria em troca, mas outros permaneciam céticos quanto à veracidade das suas palavras, questionando se valeria a pena dar atenção àquele estranho coberto de sangue.

— E por que vocês venderiam algo assim para o norte? Aquelas cobras de sangue quente... — retrucou Mingyu, o demônio do teatro. — Estão conspirando contra nós?

— Isso mesmo! Entre no cu dos sulistas e se exploda.

— Mentiroso! Mentiroso!

— Esse cachorro não passa de um traíra, vá embora.

O estranho parecia prestes a perder aquela discussão, dos demônios até os poucos humanos no recinto, todos pareciam torcer o nariz para o homem. No entanto, ele, ainda em cima da mesa, ciente do clima de merda que pairava no ambiente, limpou a garganta e, antes que sua tentadora proposta fosse totalmente descartada pelos poucos que ainda estavam meio indecisos, apressou-se a continuar dizendo:

— Deixem as diferenças de lado apenas por essa noite. Quem me ajudar a encontrar o meu parceiro na Floresta Morta, receberá um excelentíssimo desconto na compra da Chama e alguns amuletos. — Lançou um olhar afiado na direção do ator. — Podem confiar em mim!

E naquele momento, os clientes que realmente pareciam prestes a se render àquela aventura suicida, ao ouvirem o nome do destino ao qual o maluco de caráter duvidoso pretendia levá-los no meio da madrugada, imediatamente desistiram e voltaram às suas atividades, agindo como se nada tivesse acontecido.

— Jura? Ninguém? Pensei que vocês eram pessoas boas e compadecidas — desdenhou, o estranho, descendo da mesa com um salto e arrumando o casaco, pronto para ir embora.

Felix desviou o olhar para o chão de madeira, seu cenho levemente franzido, enquanto uma sensação de incerteza surgia em sua mente após um pensamento **louco**.

E se o ajudasse?

Aquele homem era realmente muito estranho e nada nele parecia verdadeiramente genuíno, **tampouco** confiável. O sorrisinho arteiro que hora ou outra ameaçava nascer no cantinho dos seus lábios falava e muito sobre si.

E havia o toquezinho de diversão em sua voz enquanto contava todas aquelas bobagens sem sentido, sua voz embargada, clamando como um pobre coitado, o que sempre chamava a atenção do criminoso experiente que era Felix. Ele mesmo já havia aplicado golpes parecidos.

Quanto a sua aparência... não era nada comum.

A sua pele era tão branca que parecia cintilar ao mínimo contato com a luz das lanternas amarelas. E o seu cabelo, longo e tão escuro quanto o azeviche, contava com uma solitária mecha cinzenta, enfiada desleixadamente atrás de sua orelha pontuda, no mesmo caminho do seu olho esquerdo.

Além disso, havia uma estranha marca, ou melhor, uma cicatriz pálida e profunda, cortando da sua bochecha até o queixo, passando pelo cantinho da sua boca, presente de algum animal.

No entanto, apesar dessas suas pequenas peculiaridades, quando a sua lábia entrava na brincadeira, ele poderia ser considerado um homem charmoso e até interessante.

Tudo bem, aquele estranho poderia ser apenas mais um vendedor usando mentiras como estratégia para vender seus produtos horríveis e defeituosos. Contudo, e se ele realmente soubesse a localização da Chama? Sempre que mencionava o artefato, havia uma convicção distinta em sua voz, como se ele não precisasse pensar antes de falar.

O que Felix devia fazer? Simplesmente retornar para os seus aposentos de merda e aguardar aquele babaca, que o tratava como um animal de estimação imundo, terminar o seu trabalho no outro quarto com aquela mulher? Seja lá o que ambos estivessem fazendo nessa altura, depois da briga fervorosa que tiveram.

Hyunjin estava apenas o usando para encontrar o suposto demônio devorador de sonhos e, depois, o descartaria como se fosse um nada, sem qualquer recompensa, ou o entregaria para trabalhar **àquela** mulher doida naquele estabelecimento nojento. Sem contar que o moreno também estava escondendo coisas e mentindo descaradamente.

Não que Felix se importasse, mas, refletindo sobre isso, seria até cômico se, na manhã seguinte, depois de toda a farrá, Hyunjin acordasse nos braços daquela bruxa e não encontrasse o ladrão em lugar algum quando finalmente fosse verificar o seu quarto. Quem o bastardo usaria para vasculhar o mundo dos sonhos? Hari? Quem? Quem?

O fodido perderia a sua única maldita pista!

— Espere, eu vou com você! — Aquelas cinco palavras escaparam dos seus lábios antes que pudesse se dar conta e diante do silêncio que se abateu sobre o salão, o ladrão percebeu que não havia mais volta. Ele desceu as escadas e, com uma falsa determinação, repetiu: — Eu vou com você.

— E você realmente sabe para onde levaram o seu amigo?

Jinhong estava situada entre quatro enormes montanhas e era cercada por uma floresta muito densa que se estendia por todas as direções ao redor da cidade. Muitos diziam que a cidade foi erguida em cima das ruínas onde o caos e os deuses batalharam nos primórdios dos tempos, e que ainda havia energia maligna transitando entre as árvores enormes da floresta. Porém, durante a luz do dia, isso não representava um problema real. Havia vários pontos de entrada onde os turistas se reuniam no sopé da montanha para se aventurar na floresta sob orientação de um guia, gerando só mais e mais movimentações financeiras para a cidade, apesar das placas de perigo e desaparecimentos frequentes na região.

Contudo, existia uma parte dessa floresta que se tornava sinônimo de morte antes mesmo do sol desaparecer no horizonte. Mesmo os mercadores e guias turísticos mais experientes tinham costume de evitar o caminho durante a noite: a Floresta Morta.

E era precisamente nessa direção que o vendedor estava conduzindo-os.

— Bem... — começou o recém-conhecido, ofegante enquanto ambos subiam por um barranco. Ele lançou uma olhada rápida para o criminoso, um pequeno sorriso brincando no rosto inchado enquanto dava de ombros, tranquilo. — Não exatamente, mas... — Afastou um galho que estava bloqueando o caminho. — Tenho um pressentimento.

Parou um pouco, apoiando-se em uma árvore com a testa suada franzida, respirando pela boca.

— Além disso, eu vi quando... Quando o arrastaram...

Felix arqueou a sobrancelha, deslizando a língua na parte interna da bochecha, enquanto encarava o homem maior com o descontentamento estampado na cara. Aquilo chamou a atenção do vendedor, que arregalou os olhos e recuou um pouco, um sorriso sarcástico brincando no cantinho dos seus lábios.

— Por quê? — perguntou. — Você tem medo das lendas sobre os fantasmas da floresta?

— Você está vendo alguém com medo? — Felix virou-se para fuzilá-lo com os olhos, mas logo voltou a andar.

— Oho, tem certeza disso? — retrucou, inclinando levemente seu queixo e passando a ponta da língua pelos dentes antes de dar uma corridinha para acompanhá-lo. — Escuta, tenha aqui alguns talismãs. Eles foram feitos com a energia da Chama Ancestral. Eles são capazes de repelir até mesmo um demônio devorador de sonhos.

Felix parou mais uma vez, virando-se para o maior com as sobrancelhas unidas.

— Você não sabe calar a porra da boca?! Vamos acabar nos perdendo nessa merda.

— Ham?! E quem foi que saiu andando na minha frente pra começo de conversa? — respondeu o vendedor safado, inclinando a cabeça enquanto cruzava os braços. — Não era pra eu ser o guia aqui?

— Isso porque o senhor guia aí para pra respirar a cada cinco segundos.

— Talvez meus pulmões sejam fracos?

Felix abriu um sorrisinho cínico, inclinando a sua cabeça também.

— Ué, por que não usa seus talismãs, então?

— Ohoo, então é por isso? — O moreno coçou o queixo com a ponta dos dedos, rolando seus olhos nas órbitas. — Eu posso fazer uma promoção especialmente para um homem bondoso que está me ajudando, o que você acha de um valor simbólico de apenas duas moedas de ouro? — Ergueu dois dedos, mostrando o valor, *todo sorrisos*. — Estou fazendo no precinho porque gostei de você.

— Mas... — Felix colocou as mãos na cintura. — Não é um preço absurdo para um pedaço de papel?! Quanto era antes?

— Três. — O rapaz ergueu o terceiro dedo.

— TRÊS MOEDAS DE OURO? Um amuleto por três...

O vendedor desviou o olhar e estalou a língua no céu da boca, fechando a pequena bolsa de tecido vermelho que pendia de sua cintura, antes mesmo de abri-la para exibir seus produtos.

— Não, estou falando de moedas de prata.

Felix o mediu de cima a baixo, desacreditado.

— Sinceramente, viu. Estamos perdendo tempo parados aqui como dois tontos... — falou, revirando seus olhos e voltando a andar apressadamente. — Promoção de duas moedas de ouro, que narigudo fingido — resmungou. — Vamos logo! Sem parar para respirar!

— Você realmente sabe como ser pão duro.

O criminoso revirou seus olhos escuros com impaciência e pulou um tronco velho de árvore morta no meio do seu caminho.

— Eu não perguntei ainda — lembrou de repente, desviando um pouco do assunto. — Mas... qual é o seu nome? Eu me chamo Felix.

— Ah, o meu nome é Christopher — respondeu, com um entusiasmo incomum em seus olhos. — No entanto, sinta-se à vontade para me chamar de Chris.

— E onde você conseguiu a Chama Ancestral?

— Você também não acredita em mim?

O ladrão deu uma boa olhada no vendedor e ergueu uma sobrancelha. Ele poderia enumerar uma série de razões para não confiar naquele homem, mas tinha feito aquilo vezes o suficiente **em sua mente** naquela noite e, apenas por isso, optou por simplesmente revirar os olhos, **voltando** sua atenção para o caminho à frente.

— Bem, ouvi uma vez que é necessário uma quantidade considerável de energia para acessar o arsenal da Cidade Celestial e ainda mais para usar a orbe...

Christopher acelerou o passo para acompanhar o ladrão.

— E você consegue saber quem é poderoso apenas com o olhar, eu presumo. Deve ser um dominador elemental muito habilidoso. Qual é o seu elemento?

— Eu não estou falando disso... — Felix afastou uma cortina de trepadeiras com o dorso da mão e se agachou ligeiramente para passar por baixo. — Você foi procurar ajuda em um estabelecimento bem duvidoso no meio da noite. — **Olhou** para o vendedor. — Uma pessoa com poder suficiente para manusear a Chama Ancestral não faria algo assim.

— Você acha que eu sou um mentiroso.

— Sinceramente? Pensei que poderia ter mentido sobre ter achado a Chama Ancestral — explicou. — Ou que não sabia como usá-la.

— Mesmo? Quanto preciso pagar para saber o que você pensa agora?

— Hum, acho que duas moedas de ouro é o suficiente — Felix brincou, olhando-o com um sorriso travesso. — Tô brincando. — Umedeceu os lábios, **observando** em volta por um momento, antes de voltar a falar: — Na verdade, eu penso que uma pessoa que é capaz **de** entrar no arsenal, não deveria saber como manusear um artefato como esse? — disse. — Você não parece ter grandes poderes se não consegue dar dois passos sem morrer, então a encontrou na rua ou comprou clandestinamente, ou simplesmente a roubou do verdadeiro ladrão.

O vendedor soltou uma risada seca.

— Garoto esperto... — Christopher estreitou seus olhos, observando atentamente as costas dele enquanto também passava com cautela por baixo da cortina de trepadeiras. — No mês passado, eu estava vendendo minhas coisas em um mercado clandestino no sul quando uma mulher, toda encapuzada, se aproximou querendo saber sobre as minhas pedras espirituais, ela disse que estava tendo uma péssima noite de sono fazia dias.

— E o que isso tem a ver com a chama?

— Caramba, escute primeiro! Você é muito apressado — Christopher o repreendeu e Felix apenas rolou os olhos e se calou a contragosto. — Acontece que quando ela se inclinou para olhar melhor minha mercadoria, eu vi uma coisa brilhante na cesta que ela **segurava**.

— Coisa brilhante?

— Hum — *assentiu*, chutando umas pedrinhas enquanto desciam por um caminho estreito entre duas árvores. — Foi assim que consegui a Chama — *concluiu*, os seus olhos brilhando ao lembrar *aquele momento*.

— Ah, você conseguiu, é? — Felix desdenhou.

— Tudo bem... — Christopher cruzou os braços sobre o peitoral e pigarreou: — Eu peguei quando ela se distraiu.

Os cantos da boca do menor se curvaram em um sorriso afiado.

— Você 'tá muito fodido.

O silêncio ensurdecedor que pairava pela Floresta Morta naquela noite passou completamente despercebido pelos dois rapazes. Ambos dispersos numa conversa pontuada por sarcasmos e alfinetadas. Nessa altura, estava mais do que claro que estavam se tornando mais íntimos. Felix, com seu habitual mau humor e aquela boca suja, sendo, finalmente, completado pela total falta de vergonha e um pouco de senso do outro homem enquanto discutiam alto desde que chegaram ao sopé da montanha.

Por conta disso, acabaram não percebendo quando todas as corujas silenciaram o seu lúgubre canto noturno e os vagalumes subitamente se dispersaram, deixando apenas a escuridão que engolia a floresta e uma neblina pútrida que se infiltrava por entre as velhas árvores contorcidas.

Estava tudo tão quieto... até que houve um *repentino* estalo estranho na floresta, como ossos se quebrando. *Então*, um barulho mais alto ecoou por entre as árvores...

*Rrrrr...*

*Parecia-se...* Não! Na verdade, *era* um rosnado baixo e rouco, acompanhado de um bufo fedorento e quente que vinha da escuridão. Tinha alguma coisa observando esse tempo todo, cercando-os, sentindo-os, caçando-os.

Yongbok interrompeu abruptamente seus passos e olhou para trás com o cenho franzido, ignorando o maior, que continuava a falar sozinho sobre as suas trivialidades, e vendo a silhueta de uma criatura enorme se erguendo no escuro.

O criminoso sentiu até os ossos congelarem.

— Mas que diabos...?

A criatura oculta na névoa revelou suas presas afiadas — maiores que os braços de Chris —, seu rosnado profundo balançou as copas das árvores e ela avançou com passos pesados, esmagando os galhos secos sob seus pés.

Felix parou de respirar por alguns segundos, o seu rosto perdendo toda coloração, e, com os olhos esbugalhados, começou a recuar de maneira cautelosa. Aquela coisa se movendo como um fantasma em meio à penumbra era um gigantesco lobo branco de olhos acinzentados, suas enormes garras ameaçadoras à *mostra*.

— Christopher... — Felix chamou o vendedor, sua voz trêmula soando como um sussurro seco.

Lançou um olhar discreto na direção do outro homem e percebeu que, além do maior estar plenamente ciente da presença do lobo branco, também estava completamente paralisado. Encarando fixamente os enormes olhos cinzas da criatura, sua face pálida de medo.

— Mantenha a calma... Christopher... — o criminoso tentou tranquilizá-lo, embora as suas palavras trêmulas soassem mais como um lembrete para si mesmo do que uma tentativa de acalmar qualquer pessoa. — É apenas um inofensivo lobo das montanhas — minimizou a situação, mas o animal em questão era tão grande quanto o furão que Hyunjin sempre carregava consigo. — Você não deve se comportar como uma presa, porque ele vai-

E antes mesmo do moreno terminar de falar, já era tarde demais. Christopher disparou numa corrida pela floresta com os braços para cima, como uma galinha tonta com a vida a um passo do forno da cozinha. Seus gritos apenas ecoando no silêncio em uma língua estranha, que soava mais como o sibilar de uma serpente.

Felix não teve outra escolha senão acompanhá-lo com a pouca energia que as suas pernas ainda podiam fornecer, perdendo-se na poeira deixada pelo vendedor. Os braços se debatendo para conseguir afastá-la, enquanto tossia.

O boboca tinha mesmo que fazer tanta bagunça? Céus.

Ansiando pelo grandioso banquete noturno que ele havia encontrado por acaso, a criatura animalesca avançou por entre as árvores, derrubando algumas com um estrondo e iniciando sua incansável caçada pelos dois homens. Suas patas felpudas batiam contra o chão terroso, mantendo a distância de um passo de alcançá-los sempre, quase como se estivesse se contendo.

— Sivän dekzin, Sivän! — Chris continuou gritando. — Takme! Takme!

— SEU FILHO DE UMA PUTA BURRO! — Yongbok reuniu todo o ar do mundo em seus pulmões e vociferou, completamente indignado, seus olhos escuros faiscando de raiva. — Qual a parte de não agir como uma presa, você não entendeu, seu jumento? Estava pensando com a porra do seu cu? ESPERO QUE MORRA!

— Takme! Takme!

— CALA ESSA BOCAAAA...

O criminoso quase foi atingido em cheio por um pedaço enorme de madeira enquanto colocava toda a sua raiva para fora. No entanto, conseguiu desviar-se antes de ser atingido, escorregando barranco abaixo, logo atrás do vendedor.

— Thokari dekzin!

— Você está tentando chamar a porra da atenção de toda a floresta por vingança?! — Christopher se virou para responder, visivelmente ofendido pelas palavras ásperas do

outro homem. No entanto, acabou tropeçando em uma pedra pontiaguda no caminho e caiu sobre ela, rasgando a lateral do abdômen. — AAAAAAH!

— Caralho! — O ladrão mal podia acreditar no que seus olhos estavam testemunhando naquele momento. — ‘Tá brincando comigo, não é?’

Felix se aproximou rapidamente do homem caído que se contorcia e gemia no chão como uma minhoca que fora atingida por um punhado de sal, logo vendo a gigantesca mancha vermelha que se formava em sua camisa. Ele colocou os joelhos no chão e olhou em volta, assustado, enquanto levava as mãos pequenas até o machucado para cuidadosamente estancar o sangramento.

— Consegue andar? — perguntou, recebendo apenas um grunhido muito confuso como resposta. — Merda...

O lobo soltou um uivo como um pequeno lembrete da sua proximidade, então se eles permanecessem naquele lugar, estariam nadando no suco gástrico da criatura muito em breve. Afinal, os lobos eram exímios caçadores e onde havia um, certamente havia outros, pois nunca estavam sozinhos.

Felix fez um pouco mais de pressão com a mão, olhando para o rosto suado do vendedor com os olhos arregalados de medo, seus lábios trêmulos. Sobreviver a um ataque de lobo selvagem com o outro homem naquela situação seria praticamente impossível, ele estava com um alvo nas costas — ou melhor, na barriga — como um enorme bisonte ferido, pronto para ser abatido.

Não apenas Christopher morreria, mas levaria Felix com ele como um brinde. Deveria ficar para trás.

— Não... — Christopher agarrou a manga das roupas do ladrão com sua mão ensanguentada, tentando inutilmente levantar do chão diversas vezes, porém, somente desabando miseravelmente de novo e de novo. Com um fio de voz, implorando: — Não me deixe aqui...

Felix hesitou. Não sabia exatamente quando começou a sentir tanta empatia por desconhecidos naquela semana. Em outra situação, simplesmente teria deixado qualquer outra pessoa para morrer e procurado uma maneira de se esconder, esperar pelo amanhecer e escapar. No entanto, ao escutar mais um daqueles uivos tenebrosos, colocou rapidamente o vendedor sobre o ombro esquerdo.

E deve ter corrido sem parar por uma hora, talvez duas, carregando o moreno em seus ombros, como se fosse um saco de batatas. Quando suas pernas começaram a falhar, eles já estavam distantes o suficiente para que os uivos e os rosnados soassem como um sussurro quase inaudível contra o vento. Foi quando Felix, exausto, desabou atrás de uma gigante pedra inclinada, em uma parte um pouco mais iluminada da floresta.

Por enquanto, eles estavam seguros.

— Hum... — Christopher choramingou.

O ladrão rapidamente se aproximou do seu corpo ferido com preocupação, tocando a testa suada do homem com os dedos sujos de terra, notando que este queimava em febre e que seus olhos se encontravam virados para trás enquanto sussurrava algum tipo de reza naquela mesma língua estranha.

Felix ergueu a camisa do moreno na altura de seu peito e conseguiu ver bem melhor o corte causado pela queda. A pedra pontiaguda havia perfurado profundamente em sua pele, deixando um corte do comprimento de uma colher, e em torno da ferida começava a ficar arroxeadado, enquanto o centro, ainda meio sujo de terra, estava num vermelho vivo e soltava um líquido translúcido, pulsando. Estava levemente inchado, sua carne dilacerada exposta.

— Infeccionou — Felix constatou. — Temos que limpar antes que isso piore.

— Minha bolsa... — Christopher tocou a cintura com os dedos trêmulos e manchados de sangue, buscando-a. Quando não a encontrou, soltou um gemido frustrado. — Devo tê-la perdido no caminho, que porra.

Felix ergueu a cabeça suada, o cenho franzido e sua boca apertada em uma fina linha dura, suas mãos ainda sobre a pele machucada do maior. A criatura tinha se aquietado por enquanto, mas isso nada queria dizer de verdade. Ela ainda poderia estar espreitando, aguardando uma brecha para atacar, apesar do seu comportamento meio estranho durante a perseguição.

Talvez estivesse apenas brincando com a comida? Esses animais eram conhecidos por sua inteligência ao caçar, no entanto, este parecia manter certo controle sobre os seus passos, desacelerando quando se aproximava demais.

Quase como se ele estivesse guiando-os propositalmente para algum lugar, empurrando-os para onde queria.

Não... o animal certamente não estava brincando com a comida, era outra coisa. Mas o quê? O que ele queria?

— Hum... — Christopher, arrancando o outro dos seus devaneios com mais um choramingo, tentava segurar em seu braço.

O olhar do criminoso retornou para o vendedor com um pouco de descontentamento.

— Vou procurar essa sua maldita bolsa que você perdeu, reze para ter caído perto e ainda ter remédios lá dentro. — Levantou, sacudindo a poeira das próprias roupas com pequenas batidinhas. — Fique exatamente onde está.

Yongbok tirou o próprio casaco e transformou em um travesseiro improvisado, dobrando-o desleixadamente.

— Eu volto logo — falou, cuidadosamente colocando a cabeça do vendedor apoiada no pano antes de olhar uma última vez para seu machucado. — Fique aqui...

Aquela parte da floresta tinha uma vegetação um pouco mais aberta, permitindo que a luz suave e melancólica da lua iluminasse a terra coberta por folhas mortas. Felix se colocou a

procurar como um verdadeiro louco, revirando as folhas secas com as mãos ensanguentadas, levantando pedras e se enfiando dentro de arbustos. Contudo, depois de quase trinta minutos inteiros vasculhando, estava prestes a desistir e voltar para o vendedor trambiqueiro, mas um brilho estranho capturou sua atenção pelo canto dos olhos.

Felix virou-se em sua direção com cautela.

Onde a neblina fedida não alcançava, havia uma lagoa de um verde esmeralda muito escuro com a água totalmente parada. Quase como se estivesse suspensa no tempo, a superfície cintilava majestosamente sob a luz prateada da lua sem qualquer ondulação ou movimento, mesmo que vagalumes estivessem dançando delicadamente em meio a vegetação esquisita que ladeava a bacia e muitas vezes encostando as patinhas na água.

Ela refletia a floresta ao redor como um espelho. E sobre *essa*, uma ponte de madeira se estendia, cruzando a lagoa *através da* parte central, onde se erguia um templo solitário, iluminado por uma lanterna de papel verde, cercada por mariposas, balançando suavemente ao sabor do vento.

O rosto de Felix se iluminou com um sorriso enorme e o seu olhar escuro ganhou um pouco de vida. Disparou na direção oposta, retornando ao local onde havia deixado o vendedor, encontrando-o na mesma posição miserável.

Felix se ajoelhou ao lado dele, colocando a mão pequena em seu peito duro e balançando gentilmente seu corpo inconsciente, tentando acordá-lo.

— Christopher? — chamou baixinho, dando tapinhas leves no rosto *alheio* e colocando *a face* em seu peito, checando se seu coração ainda batia. — Eu encontrei um lugar seguro. — Ergueu a cabeça, olhando para *a tez branca*. — Acorde!

Ele havia desmaiado durante a sua ausência, mas ainda respirava calmamente, e seu coração, embora de maneira fraca, continuava batendo contra o peito. Mesmo assim, não podia se dar ao luxo de permanecer ali até que ele se recuperasse; estavam expostos demais, indefesos demais, a poucos passos *de serem novamente as* presas de um lobo faminto que os caçava, e algo em seu interior gritava que o animal não estava muito longe, podia sentir o cheiro podre no ar.

Além disso, o templo não era muito longe. O criminoso podia carregá-lo mais uma vez, apenas uma última vez.

Felix umedeceu os lábios e, com cuidado, levantou Chris do chão enlameado por conta do sangue, segurando-o em seus braços como se carregasse uma noiva. Refez todo o caminho de volta *ao* templo, atravessando a ponte de madeira que se estendia sobre a água esverdeada, ouvindo-a ranger passo após passo, correndo com o rapaz desacordado em seu ombro.

— Aguenta só um pouquinho... — Empurrou a porta do templo com um chute, sua respiração afoita.

O lugar tinha uma aparência abandonada e desgastada, como se tivesse sido esquecido no desalento do tempo.

Quando o menor entrou, segurando o vendedor, percebeu que ninguém deveria passar por ali há anos, porque limo e alguns galhos tomavam conta de uma velha estátua de um deus com o rosto destruído, posicionada no centro do quintal da frente. E ainda havia uma fonte redonda, que ficava aos pés da estátua, sua água claramente ignorada, sem receber um pouco de atenção, a qual acumulava um monte de plantas aquáticas. Felix pensou até ter visto uma rã entre as folhas, coaxando.

Tudo permanecia intocado, como o retrato silencioso do descaso.

— Se tem hierarquia entre os deuses, esse cara tá mais fodido que eu. Não recebe uma migalha oferenda há uns bons séculos... — murmurou o ladrão para um homem inconsciente, como um maluco falando sozinho. — Será que esse é o motivo de tudo estar morto lá fora? Coitada dessa pobre entidade.

Ele deitou cuidadosamente o corpo do vendedor no chão, perto da fonte, e caiu sentado de bunda no chão, lançando um olhar exausto ao redor.

— Vou procurar algo para tratar sua ferida.

Felix enxugou o suor do rosto e partiu para explorar o templo sozinho, em busca de algo que pudesse ser útil em tempos de crise: medicamentos e alimentos, estes eram os itens principais em sua lista. No entanto, a busca não resultou em nada além de um varal velho com algumas roupas penduradas, um vaso de barro quebrado e um punhado de flores de arnica murchas, quase morrendo de sede.

Reuniu tudo que encontrou e retornou para o pátio principal do templo abandonado, onde o outro homem permanecia imóvel no chão, sentando-se do lado dele.

Primeiro, tratou de higienizar a ferida aberta do maior, lavando-a delicadamente com um pano umedecido com água da fonte e secando-a com toques leves de um outro pano seco. Quando terminou, esfregou as flores amarelas nas mãos até que se transformasse numa pasta e aplicou cuidadosamente sobre o corte.

Foi quando recebeu a primeira reação do rapaz, que recuou com o ardor.

— Não é... — resmungou baixinho, sua voz saindo por um fio, rouca e seca. — Não é o...

— Isso deve aliviar temporariamente a dor e acelerar a cicatrização — Felix disse, lavando a mão na fonte. — Tente não se mexer muito.

— Não é... — Christopher tossiu, forçando-se a falar. — Não é uma en-enti-i-idade — finalmente conseguiu falar e abriu os olhos, mas Felix não estava mais ali.

✦ ☪ ☪ ☪ ✦

— Deveria ao menos tentar conversar com o seu senhor, então — Hari falou, enquanto recolhia as xícaras de chá da mesa de seu escritório. — Você não roubou a Chama. — Colocou as xícaras em um carrinho. — Sinceramente, está mais do que na hora daquele

velhote ser deposto. Os submundanos sentem a instabilidade desde que Lorde do Caos escapou do Nada. É questão de tempo.

— Você o sente? O Caos? — Hyunjin deslizou seus olhos pela mesa antes de girar o pescoço na direção da mulher, seus braços cruzados abaixo do peito e os cabelos caindo perfeitamente sobre os ombros largos.

Hari parou ao ouvir a pergunta, respirando fundo com os olhos fechados e um sorriso pequeno. As mãos pousadas nas laterais do carrinho de prata se apertaram com força, era como sentir-se ser preenchida e, finalmente, viva. Era como uma energia pulsando em todos os lugares, dentro e fora do seu corpo, dos seus dedos dos pés ao último fio de cabelo ondulado em sua cabeça, estava em tudo, era tudo.

Revirou os olhos em puro deleite, soltando lentamente o ar, como quem se agarra a última sensação de prazer que percorre o corpo depois de um orgasmo, e os abriu em vermelho sangue, lambendo as presas.

— Eu o sinto — disse, assentindo. — Eu o sinto.

— Não há absolutamente nada que eu possa fazer dessa vez. O que tiver que cair, cairá — exclamou o moreno, dando de ombros. — Todas as escolhas já foram feitas.

— E por que ainda procura pela Chama, então? Volte pro sul com seu cachorro de estimação.

— Eu disse, quero provar minha inocência e voltar para casa. Pare de chamá-lo de meu cachorro.

— O que tiver que cair, cairá — Hari repetiu as palavras, experimentando-as em sua boca, como um doce, e algo pareceu estalar em sua mente e ela se virou com um sorriso ladino. — Inclusive, você. E o que fará dessa vez? Tudo irá ruir quando Caos ascender, seu mundo humano tão amado, seu clã, todos os porcos do sul para quem deu “bom dia” alguma vez na vida, sua puta do quarto ao lado.

Ela sorriu, encostando-se no carrinho e passando o dedo indicador lentamente no metal frio enquanto encarava as xícaras vazias, fingindo dar um suspiro melancólico.

— O sangue dos demônios é frio como o gelo, mas o dos humanos... aaah, o dos humanos é tão quente, ele queima e ferve como magma. Uma vez que você prova, é quase um pecado pensar em esquecer. Acho que você deveria aproveitar os últimos momentos e correr para os braços dele, Hwang. — Apontou para a porta com a mão aberta. — Não dá para trepar com eles depois de mortos.

Hyunjin afastou sua cadeira da mesa com um empurrão e se levantou com os punhos cerrados, andando até ela.

— Pare de me cutucar com palavrinhas envenenadas — alertou, franzindo a testa. — O que eu poderia fazer nessas condições? O mundo está me esquecendo, meus poderes ficam mais fracos a cada dia, e eu mal consigo manter o escudo que oculta minha

essência. Não recebo uma oferenda há meses. Meu senhor está garantindo que eu seja devidamente punido.

— Resultado de suas próprias escolhas — ela pontuou.

Hyunjin arregalou os olhos, recuando um passo, ofendido. O que ele mais queria era ser repreendido por um demônio, muito obrigado.

— Não estou aqui para discutir sobre isso...

— Isso... — Deu um passo à frente, interrompendo-o. — Está custando muito no fim das contas.

— E agora você é simpatizante da causa?! Pensei que eu deveria dar as costas para todos os humanos e voltar para casa — cuspiu, dando as costas para ela e massageando as têmporas com os dedos.

— Desprezo esse povo, pode ter certeza disso — falou, a menor, seu queixo erguido e os ombros para trás. — Mas se acha que eu vou voltar a servir o Lorde Caos, você ‘tá muito, mas muito mesmo, enganado. Me recuso a voltar para baixo, mesmo que eu perca meus poderes e vire um montinho de pó — rosnou, dando uma volta no moreno e ficando de frente para ele. — Ou você faz alguma coisa e acaba com essa merda, ou deixa tudo queimar.

— Eu. Não. Recebo. Mais. Oferendas.

— Eu poderia...

O moreno soltou uma risada alta, interrompendo-a antes mesmo que concluísse a frase e recebendo uma encarada nada boa. Hyunjin umedeceu os lábios com a língua, aproximando-se, enquanto cobria o queixo com os dedos, ainda segurando a risada.

— Hari... — chamou baixinho, parando diante dela com as sobrancelhas franzidas, assentindo. — Demônios não fazem oferendas.

Ela se aproximou do moreno, encarando-o intensamente por alguns instantes, de baixo para cima, cílios densos e a expressão raivosa. Sua respiração ofegante preenchia a quietude do pequeno escritório, mesclando-se ao crepitar suave da lareira, cuja luz dançava em seus olhos escuros como pequenas labaredas. Hyunjin reconheceu aquele olhar — havia presenciado algo assim apenas uma vez, em um passado distante e meio distorcido.

O moreno quis confrontá-la naquele momento e gritar que, mais uma vez, a raposa estava sendo implicante e insuportável. Contudo, naquele breve instante que se encaravam, cheios de ódio e teimosia, como dois bocós, ele teve um vislumbre da verdade: Hari, mais uma vez, estava certa sobre tudo. Absolutamente tudo.

O Lorde Caos, o Príncipe do Fim, o Arauto da Escuridão — ou qualquer outro nome que os humanos dessem à coisa que repousou no Nada por todo esse tempo — era como um gigantesco balde de tinta, posicionado na porta entreaberta, aguardando que ele a empurrasse.

E tudo dependia de suas escolhas. Ele abria a porta ou a fecharia de uma vez? O que faria? Sinceramente? Queria apenas voltar para casa e esquecer aquela história bobá. Mal sabia ele que não escolher também é uma escolha.

Hari soltou uma risada soprada e, em seguida, desviou o olhar para o enorme quadro dourado pendurado acima da lareira, atrás da mesa do escritório. Era uma serpente de ouro em relevo, com o corpo escamoso enroscado e seus dentes à mostra.

Havia uma placa em dourado na parte inferior do quadro, do tamanho de um palmo, onde estava escrito, também em relevo: “Em direção ao despertar”.

— O que tiver que cair, cairá — ela repetiu, empurrando a bochecha com a pontinha da língua. — E você será o primeiro se continuar assim.

— Se você diz...

A raposa lançou-lhe um olhar decepcionado antes de dar as costas, atravessando o escritório em direção a porta.

— Madame! Madame! — Ela estava prestes a deixar o escritório quando a porta se escancarou de repente e um dos empregados da mansão entrou, seu rosto branco.

— Porra! Que susto! Você não sabe bater nesse caralho? — Deu um pulo para trás com a mão sobre o peito. — O que você quer agora, Woo?! — exclamou, fazendo uma massagem no peito.

— O menino! — disse, ofegante. — O menino que nos mandou vigiar, meu senhor, ele acabou de... sair com o cachorro trapaceiro! — Wonwoo encostou no batente da porta. — Água... Água...

✧ ꞤꞤꞤ ✧

Christopher adormeceu tão profundamente encostado na fonte que sequer percebeu quando o sono o arrebatou.

Algumas horas depois, despertou em estado de completa confusão, olhando para os lados com os olhos cinzentos arregalados, até que sentiu o irresistível aroma de peixe sendo grelhado e tentou se levantar, sem muito sucesso.

— Merda... — murmurou como um rosnado baixo, apoiando-se nos cotovelos enquanto empurrava o corpo lentamente para trás, arrastando-se até encostar as costas na fonte, posicionando-se mais confortavelmente.

Ele baixou o olhar para as suas roupas, tocando o tecido verde de excelente qualidade e puxando-o para cima, de modo que pudesse ver o machucado, mas o lugar estava com uma espécie de curativo improvisado feito com um pano branco.

Alguém cuidou de tudo enquanto estava adormecido.

Sua visão percorreu o templo abandonado outra vez e não demorou muito para que descobrisse a origem daquele cheiro delicioso.

Felix havia montado uma pequena fogueira com galhos, não muito distante de onde estava. Provavelmente, havia pescado alguns peixes em algum lugar do antigo templo, mesmo que o maior não se recordasse de **existir** peixe em qualquer **canto** por ali.

— Você é médico? — perguntou Christopher.

O criminoso desviou seu olhar dos peixes espetados que giravam calmamente sobre o fogo baixo, olhando para o vendedor com uma expressão divertida. As suas roupas estavam completamente encharcadas, e os seus cabelos encaracolados gotejavam, formando pequenas poças no chão do templo.

— E eu lá pareço um médico? — Felix estendeu um dos peixes grelhados. — Coma para renovar suas energias.

Chris apenas assentiu levemente, recebendo o peixe com as mãos, estava cheiroso e nitidamente crocante, queria comer com uma única mordida para ganhar mais.

— Então, é um cozinheiro? — brincou, mas quando deu a primeira mordida, um sabor realmente delicioso tocou sua língua como uma carícia suave e ele percebeu o quão faminto estava. — Caramba, você não é casado, não, 'né? Vou te levar embora comigo.

Felix revirou os olhos.

— Pare de falar merda e coma esse caralho — mandou, enquanto posicionava o outro peixe sobre uma folha de lótus. — Quando o dia amanhecer, tentaremos sair da floresta e voltar para a cidade — acrescentou, ajeitando algumas das flores que havia colhido na fonte ao redor do **alimento**. — Lobos são animais noturnos, com a aurora, voltam para a toca para descansar. Será mais seguro.

Felix estava traçando todo um plano para saírem daquele lugar, enquanto o vendedor apenas observava, calado, o menor preparar aquele prato esquisito com o peixe e as flores, mastigando lentamente.

— O que você vai fazer com isso? — **indagou**, apontando para a folha com o dedo ainda melado **pelo** óleo do peixe.

— É da sua conta? — perguntou, levantando-se.

O vendedor deu risada enquanto negava com **a** cabeça, colocando um pouco mais de peixe na boca.

— Vuh vai farrer uma ofelenha, 'né? — adivinhou, ainda rindo e lambendo seus dedos.

Observando a cena, Felix balançou a cabeça e sutilmente revirou os olhos em divertimento.

— Vou buscar alguns cobertores. Pode ficar com o peixe que sobrou no fogo, morto **de** fome.

— Tome cuidado.

Deixou seu paciente comendo perto da fogueira, dando a volta na antiga fonte, e, longe dos olhos alheios, sentou-se na borda, colocando suas pernas para dentro, a água chegando na altura dos joelhos. Atravessou a fonte, tentando não pensar nos animais que viviam ali e, com um sorriso doce, repousou o prato com cuidado sobre o pilar, atrás dos pés da estátua.

Aquela entidade os ajudou a encontrar aquele templo, ele tinha certeza. Então, merecia um pouco de peixe também.

— Agradeço por me mostrar esse lugar. Salvou minhas costas — murmurou, enquanto acariciava suavemente o peito do pé da estátua. — E se não for pedir muito, pode me ajudar a sair daqui vivo? Eu tenho um filho pra criar, sabe, e... Ah! Se puder trazer o Jeongin de volta também — disse, fazendo um pequeno beicinho triste. — Eu 'tô com saudades da comida dele e do...

Creeweak...

O criminoso virou-se abruptamente, os pelos de sua nuca arrepiados e os olhos arregalados, presos na porta que se abriu sozinha na outra extremidade do templo. Era uma pequena casinha, onde os monges costumavam realizar seus sermões e rezar, mas que agora estava tão destruída quanto o restante do templo. Engoliu em seco, deixando os dedos se afastarem dos pés da estátua e o braço cair ao lado do corpo, enquanto se virava na direção da porta, dando um passo após o outro.

Ele deixou a fonte para trás e cruzou o pátio, avançando até a escada.

Cada degrau que subia era acompanhado pelo estrondo da porta se fechando com violência, apenas para se abrir lentamente em seguida, rangendo como um lamento tão triste e insuportavelmente melancólico, que fazia alguma coisa em seu interior se contorcer. Aquilo se repetiu até finalmente alcançar o último degrau.

Nesse momento, a porta de madeira se fechou com um estrondo ensurdecedor — e permaneceu parada, sem dar qualquer sinal de vida novamente.

Felix se aproximou e ao empurrar a porta pesada, outro rangido ecoou por todo o quintal e a luz do exterior se infiltrou, iluminando o lugar empoeirado.

Era evidente que ninguém havia limpado há algum tempo também.

E o moreno não demorou a descobrir, com uma enorme dor no coração (e seu nariz levemente irritado), que não tinha nada de muito valor lá dentro.

— Sinceramente... — resmungou e revirou os olhos.

A casa estava cheia de objetos sem importância, como um altar com velas derretidas e os incensos queimados, algumas cadeiras espalhadas pelo chão e um monte de tecido acumulado no centro, exalando um cheiro terrível de morte. Felix estava prestes a desistir daquele lugar quando notou algo peculiar naquele monte de tecidos e empurrou toda a porta, entrando no salão.

À medida que se aproximava dos panos malcheirosos, uma estranha sensação de familiaridade começava a se instalar dentro do seu peito, causando náuseas. E havia um pensamento perturbador começando a se formar em sua mente, intensificado pelo cheiro forte que começava a sufocá-lo, um cheiro podre e forte.

Felix cobriu o nariz com a mão e deu um chute no monte de tecido com a ponta da bota. O que quer que estivesse escondido ali, rolou alguns centímetros e finalmente se revelou.